

A economia em 81, na visão dos analistas

25 OUT. 1981

Ao acompanhar diariamente os balanços e informações das empresas, na busca de melhores opções de investimentos, os analistas do mercado de capitais acreditam que a produção industrial apresentará neste ano uma forte redução — em torno de seis por cento —, quando em 1980 registrou um incremento de oito por cento. O setor de serviços, ainda segundo os analistas, também deverá apresentar uma taxa negativa ou um mínimo de incremento. E mesmo que a agricultura cresça entre oito a dez por cento, com o aumento das exportações desses produtos, eles consideram corretas as projeções de técnicos da Fundação Getúlio Vargas e de próprios empresários de que o Produto Interno Bruto (PIB) este ano terá uma taxa negativa de zero a dois por cento.

Em 1980, o PIB evoluiu oito por cento, sendo que a indústria (com peso 37 por cento) cresceu oito por cento, a agricultura (com peso 11 por cento) teve 6,8 por cento de crescimento, enquanto o setor de serviços, incluindo o comércio e sistema financeiro (com peso 52 por cento), cresceu 8,2 por cento.

Para o presidente da Associação Brasileira dos Analistas do Mercado de Capitais/Rio de Janeiro (Abamec), Luís Carlos Araújo, as projeções do PIB para este ano e especialmente sobre o desempenho do setor industrial, são "realistas e muito conservadoras".

— Na redução de seis por cento na produção industrial — explica Luís Araújo — já estamos contando com a recuperação que historicamente ocorre nos dois últimos meses do ano, quando o comércio, com a chegada do Natal, compra mais mercadorias, forçando uma maior produção industrial. Caso contrário, a projeção seria ainda mais negativa.

CAUSAS E REFLEXOS

Se o Governo conseguiu amenizar os problemas do balanço de pagamento e de inflação, através da liberação das taxas de juros, limitação do crédito e redução dos subsídios e gastos públicos; essas medidas, segundo os analistas, provocaram a redução da produção industrial e dos demais setores, com consequências, como o desemprego, que poderão se agravar ainda mais até o final do ano.

Eles citam alguns dados, das próprias empresas e de entidades de classe, que mostram essa redução. Na indústria siderúrgica, entre julho e setembro deste ano, em comparação com igual período de 1980, a produção de aço caiu 10,8 por cento, enquanto as de laminados planos sofreram queda de 12,7 por cento. Na indústria metalúrgica, no mesmo período comparado, só a produção de chumbo caiu 17,7 por cento. A indústria automobilística

ca reduziu, no mesmo período, em 26 por cento a sua produção de veículos. Na indústria têxtil, apenas a produção de filamentos contínuos de náilon caiu 29,9 por cento, também entre julho e setembro deste ano, em comparação com o igual período de 1980.

O diretor da Abamec, José Carlos Simões, acredita que as indústrias que processam as matérias-primas terão mais dificuldades para se recuperarem dessa atual crise, do que as demais indústrias. Segundo ele, a indústria siderúrgica, por exemplo, não tem a flexibilidade da indústria automobilística, que pode contar com estoques regulares, desafogando a produção e equilibrando o desempenho.

Ricardo Bellens, também diretor da Abamec, observa que embora necessárias para reduzir a dívida externa e diminuir os índices da inflação, essas medidas adotadas pelo Governo só podem ser colocadas em prática num curto prazo, "sob pena do Governo comprometer todo o seu projeto político e econômico".

— O Governo, na verdade, já conseguiu ajustes no balanço de pagamentos e reduziu os índices de inflação — diz Bellens — mas isso determinou grandes sacrifícios para toda a sociedade, principalmente com o desemprego. Se essas medidas não derem resultados relevantes, num curto prazo, precisam ser alteradas.

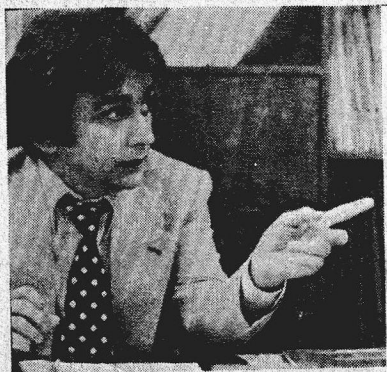
UMA ILHA

As bolsas de valores, segundo os analistas do mercado de capitais, para onde eles voltam sua maior atenção, no momento não estão espelhando a realidade da maioria das empresas e podem ser consideradas como "uma ilha" dentro da atual economia do País.

O vice-presidente da Abamec, Pedro Espíndola, diz que historicamente não há relação entre o estágio da economia com o comportamento das bolsas de valores. Ele lembra que entre os anos de 1972 e 1974, "na época do milagre brasileiro, quando a economia ia bem, as bolsas de valores registraram os menores volumes de negócios, com os índices de lucratividade atingindo a 1.300 pontos". Hoje, apenas entre abril e setembro, o índice de lucratividade cresceu mais de 100 por cento, com marca de 25.000 pontos e volume diário de Cr\$ 5,2 bilhões, como ocorreu no pregão da última sexta-feira.

O presidente da entidade, Luís Araújo, aponta três condições para que hoje as bolsas de valores, embora distantes do "boom de 71", quando negociaram volumes diários de cerca de Cr\$ 10 bilhões (se for corrigido o valor), não acompanhem o resultado negativo da maioria das empresas do País. Primeira: o mercado de ações é ainda muito reduzido dentro de toda a economia e por isso não sofre o reflexo negativo da maioria das empresas. Segunda: os melhores papéis, os mais negociados, são de grandes empresas estatais e privadas, que também não estão sentindo, hoje, os reflexos dessa crise. E terceira: os incentivos institucionais, como a criação do Fundo 157, Fundos de Pensão, seguradoras e montepios, conseguem manter e estimular o mercado de ações, até mesmo independente da crise na economia como um todo.

— Mas sem essa ajuda institucional e contando com a forte participação de grandes empresas estatais (Banco do Brasil, Petrobrás e Vale do Rio Doce, principalmente) e grandes empresas privadas (Souza Cruz e White Martins) — diz Araújo — com certeza a atual situação das bolsas de valores e do mercado de ações seria outra e pior.



Espíndola: Bolsas não refletem a economia